

ESTRANHA GUERRA DE USO COMUM

Paulo Faria

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Estranha guerra de uso comum
Paulo Faria

1.ª edição: Setembro de 2016
© Paulo Faria, 2016
© Ítaca, 2016

Revisão: Madalena Fragoso
Design: Susana Cruz
Capa e paginação: Ítaca
Imagem da capa: Niassa, 1968
Impressão: Europress

ÍTACA
CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º
1100-158 LISBOA
EDITORIAL@ITACA.PT
WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-8-5
DEPÓSITO LEGAL 414123/16

ÍNDICE

Jorge Santos	9
Primeira carta ao pai	23
José Matos Carvalho	41
Segunda carta ao pai	55
Elpídio Barros	65
Terceira carta ao pai	75
Alberto Tavares Santana	85
Quarta carta ao pai	101
Júlio Vitória	111
Quinta carta ao pai	125
Baltasar Ney Gomes	145
Sexta carta ao pai	153
João Castanheira Matias	159
Sétima carta ao pai	175
Sebastião Candeias	185
Oitava carta ao pai	203
José Valente Assunção	215
Nona carta ao pai	225
José Manuel Gamito	247
Décima carta ao pai	279

*A literatura não é um eco. É à sua maneira
que fala da vida e dos seus dramas.*

VASSILI GROSSMAN

*Terra que o Sol aquece no seu lento inevitável caminhar
Beijando no sacrifício velos cordeiros de inocência
Ou secando a roupa que teve de se lavar na guerra estranha de uso comum*

MATILDE ROSA ARAÚJO

JORGE SANTOS

Às vezes eu digo assim, Carlos: se fosse possível um gajo transmitir estas cores, isto sair cá de dentro para uma máquina, para mostrar aos outros, era uma vida do caralho, só lhe digo... mas é impossível, não há hipótese. As recordações ficam dentro da nossa cabeça e não saem, não conseguem sair. A gente vai-se é esquecendo, mas quando alguém puxa pela nossa memória como o Carlos está agora a fazer, com essas perguntas todas, a gente vai atrás daquilo, uma coisa vai atrás da outra e parece que vemos tudo à nossa frente outra vez.

Eu fui para o Ultramar no batalhão do seu pai com vinte anos. Não deixei cá namorada, não quis assumir compromissos com ninguém.

Tive várias aventuras fodidas com mulheres. Uma fulana chamada Arminda, que eu conhecia de pequeno, aqui de Caminha, chegou à minha beira e disse para mim:

– Olha, Jorge, eu tenho de pinar hoje. Se não vens tu, vem outro.

Eu tinha dezassete anos mas era ainda virgem. Não é que não tivesse tentado pinar um monte de vezes, mas acontecia sempre um azar qualquer e não dava para ir até às últimas. Era tudo de fugida, era assim: zzzt! «Ai, que vem aí o meu pai!» Era cada peripécia... Uma vez, com uma, encostei-a ao muro, já estava quase a meter-lho... «Pai, ó meu pai!», e eu: «Caralho, estou fodido!» O pai dela salta de trás de um barracão, agarra-me pelos colarinhos, era assim alto como o Carlos, e eu a espernear: «Largue-me, Sr. Henrique,

largue-me!» Não sei se está a ver a situação. Eu a torcer-me todo com os pés no ar, a ver que o homem me desfazia ali mesmo, que nem a alma se me aproveitava. Está a ver, eram selvagens, tipo selvajaria pura, eram pastores abrutalhados. Há pastores que são pessoas educadas, civilizadas, mas aqueles eram assim, super-abrutalhados. Quando vim do Ultramar e me casei, abri uma barbearia, que também era um café. Um dia, estava eu no meu café, entra lá esse homem e cumprimenta-me:

– Então, Sr. Santos? Ora muito boa tarde, Sr. Santos.

Já não me lembro se era bom dia ou boa tarde, faz de conta que era boa tarde. E eu:

– Muito boa tarde, Sr. Henrique.

E ele:

– Em primeiro lugar, a sua saúde?

E eu:

– Graças a Deus, vai tudo bem. E a sua saúde, Sr. Henrique?

E ele para mim:

– Graças a Deus, também estou muito bem. Em segundo lugar, um cafezinho e um bagacinho. E em terceiro lugar, faça-me o favor de me chamar o Fernando taxista, que é para me levar, a mim e à minha cabra.

Estavam a alcatroar esta rua por aqui abaixo, por onde nós passámos há bocado.

– A sua cabra, Sr. Henrique? Olhe que o táxi não leva cabras...

– Leva, leva.

A mulher dele andava sempre descalça.

– Leva, leva, é a minha cabra que está acolá ao fundo e que tem medo de sujar os pés no alcatrão.

Mas aconteceu uma situação incrível com esse sujeito. A mulher morreu-lhe e ele foi ao funeral. No fim do funeral chegou a casa, escreveu um bilhete, «Não consigo viver sem ti», e depois enforcou-se. No mesmo dia, na mesma hora, nem uma hora se passou desde que ele veio do cemitério. Os vizinhos foram lá bater e deram com ele.

A Arminda tinha vinte e dois anos, era cinco anos mais velha do que eu. «Tenho de pinar hoje, Jorge. Se não fores tu, arranjo outro.» Foi mesmo assim, juro que isto é verdade, juro pela luz que nos alumia, por tudo quanto mais há de sagrado, pelos meus filhos, pelos meus netos, por tudo quanto mais há de sagrado. Eu era muito amigo do marido dela e ele estava fora, andava na pesca do bacalhau. E eu disse para a Arminda:

– Oh, pá, se é assim, para outro não vais, não há-de ser preciso.

É que ela estava grávida, não havia problemas, percebe, era só uma questão de satisfação, não é? Depois disse-lhe:

– Apareço em tua casa às dez horas em ponto. Mas tu apaga-me as luzes todas, caralho, não quero ver nem uma luz lá em cima. Deixas a porta entreaberta da cozinha e eu tento-me meter por lá.

O que eu passei para ir ter com essa gaja! Até parecia que andava já na tropa. Fui sempre a rastejar pelo meio do mato como na recruta para não ser visto. Eu ainda nem sabia o que era isso da recruta e andava já metido naquele sarilho. Entrei no quintal, por trás, mas depois tinha sempre de dar a volta para ir ter àquela entrada, à cozinha, tanto dava ir por aqui como por além. Nem me arrisquei a levantar a cabeça, fui a rastejar pelo meio das couves até entrar pela cozinha dentro e só depois é que me pus de pé, no escuro. E é engraçado, Carlos, vou-lhe dizer uma coisa: acabou aquela fase, três meses ou quatro, nunca mais tivemos nada, pá. E depois o marido dela chegou do bacalhau e foi cortar o cabelo à nossa barbearia. O meu pai estava ocupado, toca-me a mim. Fiquei com as mãos a tremer, o Carlos nem imagina. Se ele adivinha, se ele sonha, sequer, desconfio que pegava ele na navalha e me cortava o pescoço. E sabe porque é que eu deixei a Arminda? Foi porque ela, numa noite de luar de Agosto... Ela já tinha sete meses de bebé, acho que faltavam dois meses para nascer a miúda. Não é minha filha, já estava grávida quando começámos, podia dizer a si que era, podia estar aqui a gabar-me,

podia fazer isso, mas para quê, é mentira... não sinto responsabilidade nenhuma nisso, sei bem o que fiz e o que não fiz. E então, numa noite de luar de Agosto, estávamos a ter coisas e eu já estava a gostar mais dela do que devia. Sabia muito bem que já estava a deixar aquilo passar das marcas. E ela então disse-me assim, parece que estou a ver esse momento:

– Ai, Jorge, se me prometeres casar comigo, eu faço uma asneira.

E eu:

– Mas como é que eu me posso casar contigo se tu já és casada?

E ela:

– Se prometeres ficar comigo, eu mato o meu marido.

Só lhe digo, quando ouvi aquilo, pam!, parece que levei um soco no caralho, foi todo para dentro, fiquei sem nada, praticamente, como diz o outro. E mal me apanhei porta fora, rapaz... nunca mais, é que nunca mais. Falávamos muito bem um com o outro, olá, fulana, olá, fulano, muita cortesia, mas nunca mais houve nadinha que pudesse manchar a situação. Manchar não, desmanchar a situação, que manchada já estava ela.

Portanto, fui para Moçambique com vinte anos. A minha especialidade era soldado TICA: Transmissões de Infantaria e Condutor Auto. Mas como era barbeiro na vida civil puseram-me como barbeiro da companhia do seu pai. Cortava os cabelos à malta na parada, ao sol. A cadeira era uma pipa cortada, uma pipa de vinho, está a ver, até ficou muito jeitosa mas não fui eu quem a fiz. Não cortava o cabelo aos nativos, só à tropa. Os pretos cortavam o cabelo uns aos outros, com lâminas. O material para trabalhar, as tesouras, os pentes, a máquina, era tudo meu, levei daqui. Numa ocasião o capitão Santana estava sentado, eu a cortar-lhe o cabelo, e pergunta-me ele:

– Ouça lá, ó Santos, a quem é que demora mais tempo, é a cortar o cabelo a um soldado ou é a cortar a mim?

Eu tenho só a quarta classe, não me acanho nada de dizer, até tenho prazer em dizer que tenho aquela quarta classe de antigamente, mas também não sou burro nenhum, não me apanham assim às primeiras, pá. O nosso capitão usava o cabelo curtinho, quase rapado, à Cassius Clay. Eu nos oficiais não usava máquina. Os soldados era tudo igual, ia tudo a eito com a máquina. Não, não havia electricidade no Chicôco, a máquina era manual. O capitão queria ver se me apanhava em falso, se calhar queria ver se eu caía na esparrela de dizer que demorava mais a cortar o cabelo de um soldado. E então eu disse para ele:

– O seu cabelo é muito difícil porque é arrepiado. Cada cabelo é diferente, sabe, mas o seu é muito complicado.

Queriam-me passar a perna... o caralho é que passas...

Do seu pai é que não posso falar muito, tenho pena. Ele era um homem muito fechado. Lembro-me muito bem dele, olho para as fotografias e reconheço-o perfeitamente mas não posso dizer que o conheci bem, o meu contacto com ele foi muito pouco. Cortei-lhe o cabelo algumas vezes, mais nada.

Na tropa eu era um tipo muito cumpridor, era de absoluta confiança. No Chicôco os postos de vigia eram escavados nuns formigueiros enormes que havia por lá, os formigueiros da formiga-branca, parece que era. Havia um posto perigoso, que era o número 4, e era mais perigoso do que os outros porque ficava no canto da vedação de arame, fazia esquina e então tanto dava para ser atacado por um lado como pelo outro. Havia esse risco, pelo menos. Ninguém queria ir para lá, mas o capitão ou quem fazia a escala por ele punha-me sempre ali porque sabia que eu não falhava. Nunca adormecia de noite no meu posto. Quando calhava ficar de sentinela uma parte da noite, fazia questão de ficar a pé junto com o homem que me ia render, a conversar com ele, a fazer companhia. Não pregava olho nessas noites, comigo era mesmo assim.

Todas as manhãs lá no Chicôco havia a formatura. Uma vez, adormeci. Era costume eu acordar sempre a horas e eu é que acordava os outros todos. Pois naquela manhã os